

A cultura afro, na música e na arte da cantora Clara Nunes

Alberto Pereira Lopes¹

Resumo

O trabalho discute a arte e a música de Clara Nunes, umas das cantoras mais populares do país, em que se preocupou em construir sua carreira dentro de uma perspectiva cultural afro-brasileira. As suas canções trazem o misticismo da cultura nacional baseadas no simbolismo de suas crenças e dos orixás, além de cantar as lutas do negro contra o cativo e a luta constante do trabalhador. É uma cantora que canta o Brasil com suas diversidades de gêneros musicais desde as modinhas, boleros, marchinhas, canções, sambas, forró, baião etc. o que demonstra a sua brasilidade. O objetivo desse trabalho é analisar a contribuição da cantora na formação cultural do Brasil, valorizando a miscigenação das raças e a religiosidade por meio de sua música e da sua arte de representar, num momento conjuntural difícil em que a ditadura Militar encontrava-se mais acirrada, sobretudo na década de 1970. Clara Nunes foi uma cantora popular para além do seu tempo, as suas canções mostram à sua verdade de acreditar num país sem preconceitos, na luta pelas questões sociais e no respeito às crenças religiosas no Brasil, sobretudo as de ramificações africanas a qual se identificava. Uma mulher de fé que representa em sua simbologia o mosaico cultural brasileiro.

Palavras-chaves: Clara Nunes, cultura afro-brasileira, canções brasileiras.

Abstract

The work argues the art and the music of Clara Nunes, ones of the singers most popular of the country, where if it worried in inside constructing to its career of a cultural perspective afro-Brazilian. Its songs bring the misticismo of the national culture based in the symbolism of its beliefs and of orixás, beyond singing the fights of the black against the captivity and the constant fight of the worker. She is a singer whom Brazil with its diversities of musical sorts sings since modinhas, boleros, marchinhas, songs, sambas, lining, baião etc. what it demonstrates its brasilidade. The objective of this work is to analyze the contribution of the singer in the cultural formation of Brazil, being valued the miscegenation of the races and the religiosidade by means of its music

¹ Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo- USP, professor adjunto do Curso de Geografia na Universidade Federal do Tocantins- UFT Campus Araguaína. Email: beto@uft.edu.br

and of its art to represent, at a difficult conjunctural moment where the military dictatorship met incited more, over all in the decade of 1970. Clara Nunes was a popular singer stops beyond its time, its songs shows to its truth to believe a country without preconceptions, the fight for the social matters and the respect to the religious beliefs in Brazil, over all of African ramifications which if identified. A faith woman that represents in its symbology the Brazilian cultural mosaic.

Keywords: Clara Nunes, afro-brazilian culture, brazilian songs.

Na década de 1960, Clara começa sua profissão como cantora de boleros e músicas românticas. Era início de uma carreira promissora que em 1970 segue com uma identificação ligada a cultura afro-brasileira baseada nas crenças, na dança e no folclore. A sua imagem foi construída dentro de um projeto afro, suas roupas, seus colares, suas tiaras, sua forma de dançar, sua música e suas guias (espécie de crenças religiosas-amuletos) fizeram sua característica própria. A sua trajetória a partir de 1970 talvez tenha tido influências das gravadoras como aponta Ferreira Filho:

(...) a imagem afro-brasileira apresentada por Clara Nunes não foi construída única e exclusivamente por vontade própria da cantora, mas por influencia de produtores e gravadora que vislumbravam, naquele momento, um projeto estético afro como forma de atingir sucesso comercial. (FERREIRA FILHO, 2006, p. 4)

No primeiro momento concordamos com o autor acima, mas Clara vai se integrando as suas origens e compreendendo a importância de mostrar a cultura afro-brasileira em seu estilo. No segundo momento a cantora já amadurecida e nas paradas de sucesso constrói sua trajetória baseada na música folclórica brasileira. A sua identidade já se encontrava construída desde Minas Gerais com as folias de reis, pastorinhas, batuques, congadas, como aponta em suas entrevistas, como também, identificadas em suas músicas. O segundo momento de sua carreira diria já na década de 1970, a cantora já estava absolutamente integrada ao que realmente queria expressar em suas canções. Assim Dias comenta a posição de Adelson Alves primeiro produtor na mudança de estilo da cantora em 1970:

Adelson Alves afirma que esta transformação no estilo artístico só foi possível pela sensibilidade e pela habilidade de apreensão da cultura popular presentes na intérprete. Acredito que esta aptidão foi socialmente desenvolvida pela personagem desde de sua infância, através do contato com manifestações da cultura popular de Minas Gerais. (DIAS, 2008, p. 62)

A cultura está relacionada ao conhecimento, à arte, a manifestação, a expressão, aos costumes dos povos, que são adquiridos pelo ser humano em toda a sua história. No entanto, Vianna (2008, p. 33) ressalta que “A cultura é objeto de abstração, considerando que qualquer ação do homem pode assumir um valor simbólico, pode ser inserida num sistema de interpretações e de expressões com as quais o próprio homem procura precisar sua relação com a realidade cósmica e com os outros homens, quer como indivíduos, quer como associações”.

É diante desta manifestação simbólica cultural que Clara Nunes vai se projetando de maneira única, com características afro, utilizando-se de vestes brancas, descalças cantando na praia, fazendo referências ao mar, aos orixás, a religião e, sobretudo a sua negritude. Não esconde a sua identidade, e conquista o povo brasileiro em sua forma de cantar e de expressar por meio de sua música. Clara coloca em sua musicalidade a multiplicidade de ritmos brasileiros. Em quase todos os seus discos encontramos, sambas, forrós, frevos, marchinhas, pontos de capoeira, modinhas, boleros e músicas românticas etc. A sua marca registrada é a busca da música brasileira trazidas de suas origens, de sua infância.

A artista se preocupava com a entrada da música estrangeira que estava ganhando espaço no Brasil. Clara Nunes fazia o possível de levantar a bandeira para a Música Popular Brasileira, em entrevistas, reuniões com amigos e artistas etc. Assim, a cantora foi construindo a sua trajetória artística num cenário de recuperação das raízes tradicionais da música brasileira por meio dos diversos gêneros musicais. As relações sociais e políticas dos lugares construídas pelos homens/mulheres em sua complexidade de comportamentos constituem a cultura de um lugar. Assim, o Brasil afro cantado e simbolizado pela intérprete é o resultado dos comportamentos do homem na construção de sua cultura de forma espontânea em sua liberdade, ou de uma forma espontânea, mas cerceada pela a classe dominante, como ocorreu com o negro no Brasil com suas manifestações culturais. A cantora se manifestou em sua música e na sua arte de representar a cultura negra no Brasil. Claval argumenta que:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é um conjunto fechado e imutável de técnicas e de

comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. (CLAVAL, 1999, p.63)

É diante desta manifestação por meio da arte e da música que Clara Nunes representa, no conjunto de sua obra, as tradições dos lugares, o lamento triste do trabalhador diante da própria condição que lhes fora atribuída pelo sistema de cerceamento, na luta pela liberdade do negro acorrentado na senzala, na dança e na religião tão expressa na linguagem de suas músicas. A sua trajetória afro marca uma nova forma de pensar a música a partir da simbologia apresentada pela cantora e os textos que irão sendo construídos em suas melodias no decorrer de sua carreira artística. Assim a década de 1970 é de fundamental importância para instrumentalizar a sua profissão como também assume outra forma de manifestação religiosa relacionada com o candomblé e com a umbanda. A artista que fora criada dentro do catolicismo e fazia parte do coral da Igreja, ao se tornar cantora profissionalizante se conscientiza sobre a forma de ser e ver o mundo por meio da fé em outra manifestação religiosa, (o candomblé/Umbanda). A partir desse momento a cantora faz questão de reverenciar os santos do culto afro em suas canções, com muito respeito e devoção. Assim, em entrevista a Leda Nagle, Clara Nunes enfatiza a sua verdade a respeito de sua fé:

Eu sou espírita desde os 14 anos, sendo que minha família toda é Kardecista. São espíritas kardecistas. Eu, ao vir para o Rio de Janeiro, tomei um contato maior com o candomblé, com a umbanda. E eu me identifiquei muito com essa outra manifestação de espiritismo. E me aprofundi muito. Então eu digo o seguinte: sou espírita, uma pessoa espírita que acredita, pratica, respeita muito e é muito feliz dentro de sua religião. Enfim, é uma coisa que me dá prazer de falar, de dizer. É uma coisa que me satisfaz muito². (NAGLE, p. 74, 2009).

A sua consciência em relação a sua religiosidade parte do princípio de sua relação com o continente africano em 1970 quando fez uma viagem a convite do cantor Ivon Cury foi um momento de construção da sua própria identidade, abordada de maneira mística como são as religiões africanas que tem uma ligação entre os vivos e os espíritos ancestrais. A sua sensibilidade foi mais além, porque além de ser adepta a religião, a esta nova forma de crença e manifestação cultural, retratou e difundiu em sua musicalidade por meio de suas canções e na sua própria forma de representar, valorizando as vestes, os colares, as tiaras, sempre de pés no chão. Isto estar no

² Entrevista feita por Leda Nagle na residência da cantora em 1981.

imaginário popular brasileiro. A Clara Nunes tem uma contribuição significativa por meio da sua forma simbólica de representar o que acredita, no sentido de difundir a mensagem que a religião afro no Brasil retrata. . A Figura 1 representa alguns elementos simbólicos utilizados nas religiões Afro que estava no encarte do disco de 1979 que tinha como o título Esperança.



Figura 1: Símbolos que estão presente nas religiões afro: umbanda e candomblé.

A década de 1970 é a consolidação da indústria fonográfica brasileira e a expansão das multinacionais no território com produtos de consumo internacional. A música é um elemento importante na consolidação cultural, mas com a expansão da grande indústria voltada para a massificação cultural. Os ritmos nacionais perdem sua importância e fragmenta no desinteresse da indústria fonográfica, ficando apenas nos seus locais de onde nasceram como o caso do samba. A indústria fonográfica buscava o sucesso comercial do artista, não se preocupava com a arte, com o gênero, o que importava era a comercialização da obra no cenário nacional ou internacional. Dessa maneira, o rock se enraíza como o espetáculo das multidões e gênero musical com uma grande importância para a divulgação da música estrangeira.

No Brasil, os grandes representantes da Música Popular Brasileira já tinham seu lugar bem estruturado na década de 1970 no mercado fonográfico no Brasil, sobretudo uma camada da sociedade que buscavam nesses interpretes e compositores

(Chico Buarque, Gonzaguinha, Caetano Veloso, Elis Regina, Tom Jobim, Gilberto Gil entre outros), elementos importantes em suas músicas de caráter político como os protestos nas letras e melodias, numa conjuntura de crescente censura. Em relação ao rock era representado por grandes intérpretes brasileiros como Raul Seixas e Rita Lee, como também o próprio Roberto Carlos no final da década de 1960 se rende ao ritmo das multidões. O samba que na década de 1920 tinha uma expressão popular marcante, saído das periferias, dos terreiros e, no entanto, ocupou os espaços centrais no Rio de Janeiro como o local de propagação, da música brasileira.

No início da década de 1930, o samba perde essa importância em sua expressão que era à linguagem negra, que fora criado nos terreiros. Isto devido a indústria fonográfica que tinha o objetivo da comercialização desse produto, mas diante da discriminação racial no Brasil, por ter sido o samba vindo do negro que fora escravizado, a sua cultura não era valorizada pelos brancos. O samba sofre modificações em sua melodia e nas suas letras, para satisfazer a população branca, a mais abastada que tinha as condições necessárias de compra desse produto, o chamado samba urbano. Como afirma Ferreira Filho (2008, p.20):

Na tentativa de separar o aspecto religioso africano do ritmo que se tornou música popular, em um país extremamente católico e preconceituoso com os descendentes dos escravos, parece ter sido não só uma estratégia de valorização desse novo produto pela indústria fonográfica, mas também um desejo das classes mais influentes da sociedade.

Foi uma forma de valorizar apenas o aspecto do ritmo, e inseri-lo como música popular brasileira sem o fato de divulgar os cultos afros nas gravações. Isso não quer dizer que o samba chamado de raiz, deixou de existir, pelo contrário os compositores do morro continuaram com as suas composições, da mesma forma o ritmo e as crenças religiosas continuaram nos terreiros e nas escolas de samba. Ferreira Filho(2008, p. 20) argumenta ainda que: “(...) essa busca pela legitimação social do samba através dessa dissociação só encontrou eco dentro da indústria cultural, já que os cultos afro brasileiros e o samba jamais se desligaram e essa conexão sempre se mostrou viva dentro dos terreiros e no meio dos sambistas populares”.

Portanto, a louvação aos orixás sempre presente na música, muitas vezes de maneira tímida, mas outras vezes de maneira mais intensa como o cantor e compositor

Dorival Caimmy, Ferreira Filho (2008). Clara Nunes surge nessa temática, à cantora que de início cantava boleros e baladas românticas condicionada a ser um tipo Altemar Dutra, na década de 1970 constrói um caminho dentro dos elementos culturais africanos. Vale retratar que no seu trabalho antes da década de 1970 a cantora já haveria gravado em 1969 a música guerreiro de oxalá. Talvez seja o seu primeiro envolvimento com a cultura afro. Trata-se de uma melodia que vem com uma força do sincretismo, com elementos e divindades das crenças dos descendentes africanos. Artistas como Martinho da Vila, Paulinho da Viola estavam começando na década de 1970, com o gênero samba. Adelson Alves surge num momento especial para construir uma nova Clara Nunes no sentido de fazer outras leituras do que a cantora tinha sido produzida nos três primeiros discos. A proposta de Adelson foi transformar Clara Nunes numa cantora que representasse a identidade cultural do país, esta foi à aposta do radialista, em preencher o vazio deixado por Carmem Miranda.

A proposta de transformar Clara numa cantora a partir de uma linguagem da mestiçagem no Brasil, se concretizou. A cantora se identificou com os elementos afros que se encontram no novo gênero que defendera – o samba. Assim, a mudança de transformação da cantora, não se deu apenas no contexto do repertório, mas também nas roupas, no penteado, colares, tiaras, enfim no seu visual. A Figura 2 representa esta mudança no seu figurino.



Figura 2: Clara Nunes e o simbólico na arte de representar

Acredito que o Adelzon foi percussor da nova abordagem de musicalidade da Clara Nunes, mas há de considerar que a cantora já se identificava anteriormente com o sincretismo religioso africano, quando fez sua viagem pela primeira vez a África, em que viu a movimentação, a dança, os rituais da cultura africana. Portanto, ao voltar da África ao Brasil foi planejada a sua carreira dentro de uma segmentação diferente em que a cantora estava direcionada. Como afirma Baptista (2002, p. 22):

Então, ao voltar de sua primeira viagem ao continente africano, elaborou, com a ajuda do radialista Adelzon Alves, uma nova proposta de carreira que foi imediatamente apresentada a Odeon. A gravadora não viu com bons olhos esse novo projeto, afinal era a primeira produção de Adelzon Alves, a proposta era arrojada e o repertório da cantora seria radicalmente mudado, mas, com a insistência de Clara Nunes o projeto foi levado adiante. Era início da consolidação de uma carreira artística fortemente marcada por um estilo e uma imagem que aproximava a cantora do samba e da umbanda, o que levou a ser rotulada como ‘sambista, Cantora de Macumba’. (Grifo do autor)

Nesse sentido, de 1970 a 1974 Clara foi produzida por Adelzon Alves e seu repertório estava relacionado aos compositores do morro. Foi a partir dessa transformação que a cantora atinge o sucesso comercial ao definir o samba como o estilo da sua carreira. No LP de 1971, vem com o seu novo estilo de cantar e de interpretar. O samba como estilo que se adéqua na sua voz, trás no repertório o projeto que fora baseado a sua imagem afro-brasileira. As músicas relacionadas com os compositores do morro trás sons e refrões do candomblé, como as músicas aruandê...aruandá, Misticismo da África ao Brasil, Puxada da rede do xaréu eo sucesso Ê baiana . É um marco na carreira da cantora, que navega nos ritmos brasileiros, como forrós, modinhas, samba-canção. No encarte o produtor Adelzon contextualiza:

“ Meu cumpade, (Sic) o negócio é o seguinte? A partir da música ‘Misticismo da África ao Brasil’, que a moçada vem escutando todo dia, é só ligar a ‘caixa de conversa’, CLARA NUNES toma uma posição bem definida das raízes da cultura popular brasileira.

Neste LP o SABIÁ num “brinca em serviço”. Dá seu recado com músicas, sons e os refrões do candomblé e da “Puxada da Rede do Xaréu”, estes últimos ligados à vida econômica, religiosa e artística da Bahia (folclore), que fazem parte da nova

imagem áudio-visual que a cantora vem mostrando ao público nos seus shows, apresentações de televisão etc. essa imagem é o aproveitamento das formas, cores, sons, ritmos etc. e tal da cultura popular brasileira³.

O texto do Adelzon já mostra o caminho que Clara irá percorrer com a segmentação dos ritmos baseados no gênero samba da qual foi produzida. O LP de 1972, Clara aparece com um visual marcante que remetem as tradições africanas, descalça com uma bata branca. A fotografia da capa do LP Clara pousa numa porta de uma igreja com velas nos seus degraus, como apresenta a Figura 3 o 5º LP da cantora.

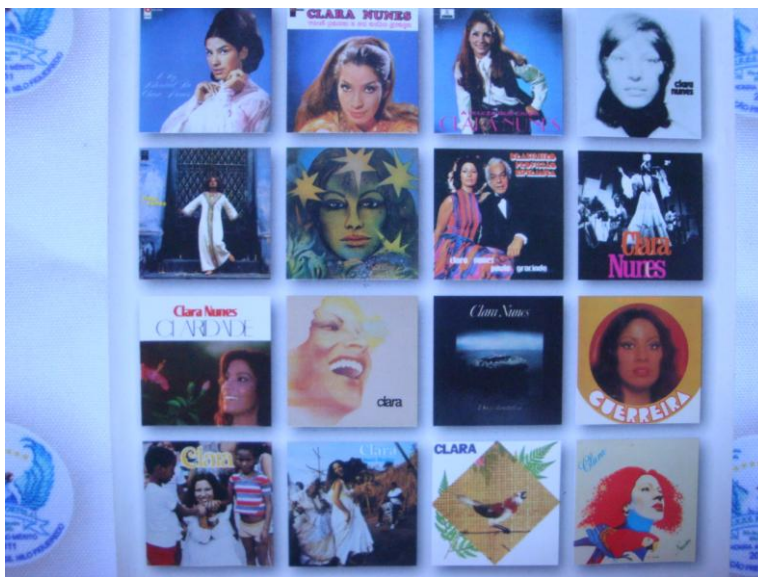


Figura 3: A mudança de estilo a partir do 5º LP, voltada para o Brasil mestiço

O novo visual é a sua projeção para a valorização da cultura brasileira. Se este projeto iria dar certo ou não, para o mercado, isso era outra história, porque para Clara foi um momento de grande realização na sua carreira, cantar o que ela já ouvira nos batuques nas músicas folclóricas em Minas Gerais. Esse disco, apresenta Tributo aos orixás, morena do mar, alvorada no morro, além de músicas nordestinas do LP de seguindo o projeto do LP de 1971 que gravou sabiá de Luiz Gonzaga, e nesse apresenta último pau de arara e vendedor de caranguejo. O projeto da qual Clara Nunes estava inserida era o samba, um estilo de música marginalizado pela chamada alta sociedade, em que gravava desde do samba-canção, ao samba de Noel Rosa, ao samba enredo como Ilu ayê (Terra da Vida) da Escola de samba Portela. Mesmo com essa mistura de

³ LP, 1971 parte do Texto do encarte por Adelzon Alves

sons e de cores no seu trabalho, a cantora se projeta numa segmentação dos ritmos afro, daí de ser chamada de cantora de macumba, xagonzeira ou outros termos pejorativos para as crenças afro descendentes. É um momento de ruptura do que a cantora vinha se projetando nos seus primeiros trabalhos, a sua própria imagem estava condicionada a jovem guarda com cabelos longos, as suas roupas adequavam-se ao estilo da época. Agora surgia uma nova intérprete que defendia com muita fé e sabedoria as suas raízes, o misticismo que se realizara por meio do seu canto e do seu visual, não se preocupava com a classe requintada do país, o seu objetivo era disseminar a sua arte e valorizar a sua crença.

A nova Clara Nunes estava consciente do seu papel em construir uma democracia racial por meio de sua arte, em fazer com que as manifestações afro fossem respeitadas, e que os negros fossem valorizados enquanto ser humano. Não foi tão fácil a cantora seguir uma nova ideologia em sua música diante da conjuntura do país. Mas, o projeto estava caindo no gosto popular, não era mais uma cantora que se ajoelhava para a gravadora em que esta escolheria o seu repertório. A partir de tal mudança a cantora quem escolhe o seu repertório e os seus compositores, resgatando a música do morro carioca e tendo maior consciência da importância social e cultural de sua carreira.

As suas músicas estavam retratadas no contexto da linguagem do negro em suas crenças. Era a forma mais autêntica de difundir a mensagem da religiosidade afro por meio do samba. Assim a cantora demonstrava que o branco tinha que aceitar o negro como igual e não agir de forma preconceituosa devido a história da escravidão no país. A esse respeito da luta e da aceitação do negro na sociedade brasileira Fernandes (2007, p. 75) afirma:

Assim, lutam para ficar em seu nível social, no “meio negro” e na sociedade inclusiva. Em consequência, às alternativas compensadoras, mas dolorosas da aceitação ambígua ou degradante, preferem a mudança efetiva das atitudes e avaliações do ‘branco’. Querem ser aceitos e tratados como iguais, sem restrições nem evasivas. Ao agirem desse modo, não estão apenas revelando seus próprios preconceitos e recalques, como os brancos o supõem.

Dessa maneira, a mensagem da música de Clara era para resgatar a aceitação das crenças, dos ritmos e, sobretudo da miscigenação do Brasil, de um país mesclado pela mistura das raças, do negro africano, do branco europeu e do índio. Essa era uma

afirmação e uma consciência que a cantora adquiriu nessa passagem de sua mudança de estilo. Como afirma em entrevista a Leda Nagle, a respeito da música. “ Acho que a música é a única coisa que pode ligar o ser humano a todas as raças”. (NAGLE, 2009, p.76).

A década de 1970 foi um marco importante para o samba, esse gênero musical se recupera de uma fase ruim no cenário fonográfico na década anterior devido há vários estilos que estavam no auge como bossa nova, tropicália e o rock como musica universal. Clara Nunes aparece nesse cenário com esse legado e abre caminho para outros sambistas do morro carioca, além de outras mulheres que começam a sua carreira cantando esse gênero nesta década, como Alcione e Beth Carvalho. O sucesso de Clara reafirma o seu estilo como sambista, rótulo que posteriormente seria eliminado, pois sua música, seu estilo e sua postura artística a transformou numa cantora genuinamente brasileira. A cantora queria passar essa linguagem do negro por meio de sua música, era a sua consagração enquanto cantora popular que tinha a preocupação de cantar a raiz da musica popular brasileira. E esta em plena ascensão do rock e da ditadura militar Clara surge com sua forma de protestar devido a resistência que maculava o samba e a afirmação de valores afro-brasileiros. Neste ano de 1973, Clara Nunes inicia sua carreira internacional cantando na Europa, África do Sul e na Suécia onde participou de um especial para TV Sueca em Estocolmo.

No festival de Cannes na França, foi escolhida para representar o Brasil no Midem- Festival do Mercado Internacional do Disco. Nesta apresentação, saiu um convite para uma temporada de shows na Europa, sobretudo em Paris onde a cantora lançou o LP de 1974. Neste mesmo ano, foi convidada a participar do espetáculo musical “Brasileiro Profissão Esperança” dirigido por Bibi Ferreira e o texto de Paulo Pontes, produzido por Benil Santos. Clara Nunes interpreta as músicas de Antonio Maria e Dolores Duran ao lado do ator Paulo Gracindo que originou um novo trabalho.

O ano de 1974 foi um momento da consagração da cantora, colocando com uma das maiores intérpretes brasileiras, ao lado das veteranas, Elis Regina, Betânia e Gal Costa, superando todas elas em termos de vendagem de disco. Clara Nunes é consagrada pela mídia, sobretudo na televisão e sua imagem reflete o que estava projetada, de uma cantora de perfil próprio, sem a necessidade apelações, a imagem da cantora afro- brasileira.

É importante justificar que Clara Nunes não foi a única a cantar a africanidade em sua carreira, não foi algo construído apenas pela cantora, outros artistas também retratam em suas músicas os cultos e os santos do candomblé e da umbanda. Se Clara Nunes não foi à primeira mulher ou artista a trabalhar em sua carreira nesta temática afro, mas de fato é a cantora que se destacou neste projeto de cantar a religiosidade e os ritmos. Em quase todos os seus discos estão retratados a africanidade, a pluralidade dos ritmos brasileiros. Na verdade ao conhecer as religiões africanas ela se doou de corpo e alma. O palco, a sua forma de expressar a música por meio da dança, era divulgar a cultura e a religiosidade da qual acreditava. Concordo com BRUGGER (2008) quando afirma que a cantora ao cantar as músicas relacionadas a religião afro não era apenas por entretenimento ou militância política, mas assumiu a sua carreira neste contexto religioso, que extrapola a mera divulgação. Ainda a autora continua que o palco e os discos para Clara Nunes eram os templos a religião dos orixás que assumiu ao longo de sua carreira.

A clara Nunes era esta mulher cheia de brasilidade, sempre preocupada em ser reconhecida como uma cantora popular brasileira que acreditava sempre na ligação da música com o povo, com as suas tristezas e alegrias. Em entrevista a Leda em 1981⁴ a cantora constrói esse pensamento “(...) a única coisa de ligar ao ser humano de todas as raças, acho que é a música, ela tem um poder muito grande de unir, você não precisa do idioma, não precisa o cara entender o que você está falando, você tá cantando, para ele entender, para ele sentir. Quer dizer é sentimento. Então a coisa mais forte na terra é a música e o amor”.

A sua lucidez estava na sua expressão, naquilo que acreditava. Levou a mídia a sua verdade por meio do sincretismo religioso, assim estava estampada nas capas dos seus discos, revistas, entrevistas, seja no Rádio ou na televisão, não escondia a sua forma de pensar e de acreditar naquilo que fazia com o objetivo de resgatar a raiz da música popular brasileira. Como sintetiza Ferreira Filho (2006, p. 67) a respeito do preconceito em relação aos elementos afro brasileiros:

Todos esses elementos das religiões afro-brasileiras expostos em diversos meios de comunicação alcançaram o grande público de uma forma positiva. Isso contribuiu para uma nova postura diante dessas religiões marginalizadas, dentro de uma sociedade hegemonicamente católica. A imagem dessas práticas religiosas dentro da sociedade brasileira, principalmente nas

⁴ Entrevista a Leda Nagle em 1981, Jornal Hoje – Rede Globo.

camadas mais altas, sempre esteve estigmatizada como 'magia negra' ou identificadas como cultos de adoração ao diabo católico. Clara Nunes trazia à mídia a beleza da cultura afro-brasileira e dava um enfoque positivo e alegre à temática dos orixás.

Foi por meio dessa descontração e responsabilidade que a cantora se apresentava ao público simbolizado no mosaico cultural da africanidade no Brasil com os seus cabelos crespos e sua roupa branca.

Clara Nunes tinha sua participação em movimentos sociais, políticos, assim foi com a luta pela democracia no país, em que sempre estava presente nos shows na década de 1980 com Chico Buarque, Simone, Elba Ramalho, Gonzaguinha dentre outros artistas. Mas essa sua participação nos movimentos populares vem da década de 1970 quando um de seus compositores preferidos Candeia cria uma escola de samba chamada GRAN Quilombo (Grêmio Recreativo de Arte Negra Quilombo) voltada para a busca das tradições culturais afro-brasileiras. A criação da escola de samba constituída como um movimento em prol da preservação dos valores culturais do negro no Brasil, também tem como objetivo a luta dos direitos e do respeito ao afro descendente. Clara estava nesse movimento de uma forma não muito intensiva, mas diante a sua amizade com Candeia, tanto freqüentava o GRAN Quilombo como a Portela sua escola de coração.

A sua participação direta a respeito às tradições e ao direito do negro na sociedade, estar em sua música, que era o seu grande veículo de comunicação e de expressão, assumindo a sua religiosidade afro brasileira (Umbanda e candomblé) e tinha o prazer de manifestar as suas crenças e a sua fé aos orixás.

Ainda nesta construção de pensamento a própria cantora em entrevista a TV Globo no programa TV Mulher em 1981 fala sobre o show, o seu figurino, o espaço cênico, em que o trabalho do cenário é bem brasileiro com elementos da nossa cultura como cisal e a corda etc. São elementos simples e rústicos que se adequava a mensagem da cantora, criado por Elifas Andreato e direção do show de Bibí Ferreira que já havia lhe dirigido em 1974 com o Brasileiro Profissão Esperança. A mestiçagem de Clara Nunes estar no contexto da pluralidade música, e não apenas na afirmação do samba. Por isso que a cantora fazia questão de mostrar que não era uma sambista ou outro estereótipo criado pela própria mídia, a sua luta em toda a carreira era de ser reconhecida como o cantora popular brasileira que cantasse todos os gêneros do país, e

isto de fato ela conseguiu, mesmo numa carreira de curta duração interrompida em 1983, em que foi calada e silenciada a voz da guerreira, de uma artista completa. Clara Nunes do Brasil.

FONTES DAS IMAGENS

Figura 1: Fonte: Do autor, do disco Esperança / Clara Nunes de 1979

Figura 2: Fonte: Disponível: www.claranunesvozdeourofotos.blogspot.cc acesso: 14/03/2013

Figura 3: Fonte: do autor, Caixa de CDs remasterizados.

14

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, R. RUA. **Tem orixá no samba:** Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na Música Popular Brasileira. 112f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRÜGER, S. M. J. **O canto mestiço de Clara Nunes.** São João Del-Rei: UFSJ, 2008.

CAMPOS, A. **Do quilombo à favela:** a produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARMO, J. C. **O que é candomblé.** Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros passos).

CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 123-150.

CLARA NUNES, Guerreira a cantora dos orixás. **Rev. Espiritual de umbanda.** Especial n.06, Culto de Nação candomblés. ed. Modus, ano 2009.p.12-15

CLAVAL, P. **A geografia cultural.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. **Geografia:** temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

_____. **Região e organização espacial.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

FERNANDES, V. **Clara Nunes:** guerreira da utopia. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

FERREIRA FILHO, J.C. **Samba, religiões afro-brasileiras e indústria cultural.** O triângulo fundamental da música brasileira sintetizado na carreira de Clara Nunes. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, São Paulo, 2006.

HEBERLE, V.M. ; OSTERMANN, A.C.; FIGUEIREDO, D. de C. (Org.) **Linguagem e gênero:** no trabalho, na mídia e em outros contextos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

LÔBO, Y.; FARIA, L. (Org.). **Vozes Femininas do Império a República.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

MORENA de angola: a vida de Clara Nunes, monumento do samba. **Rev.Vida simples.** Ed. 06, ano 2008. p. 42-47.

REVISTA HISTÓRIA DO SAMBA, cap. 1,2,3,5,7,30,34. ed. globo, ano, 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

TÁVOLA, Artur da. **Crônica sobre Clara Nunes.** Disponível: www.Claranunesvozdeouro.blogspot.com, acesso em: 05/04/2010

Recebido em abril de 2014.

Aprovado em agosto de 2014.